



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v19i2p249-251

Debates Críticos

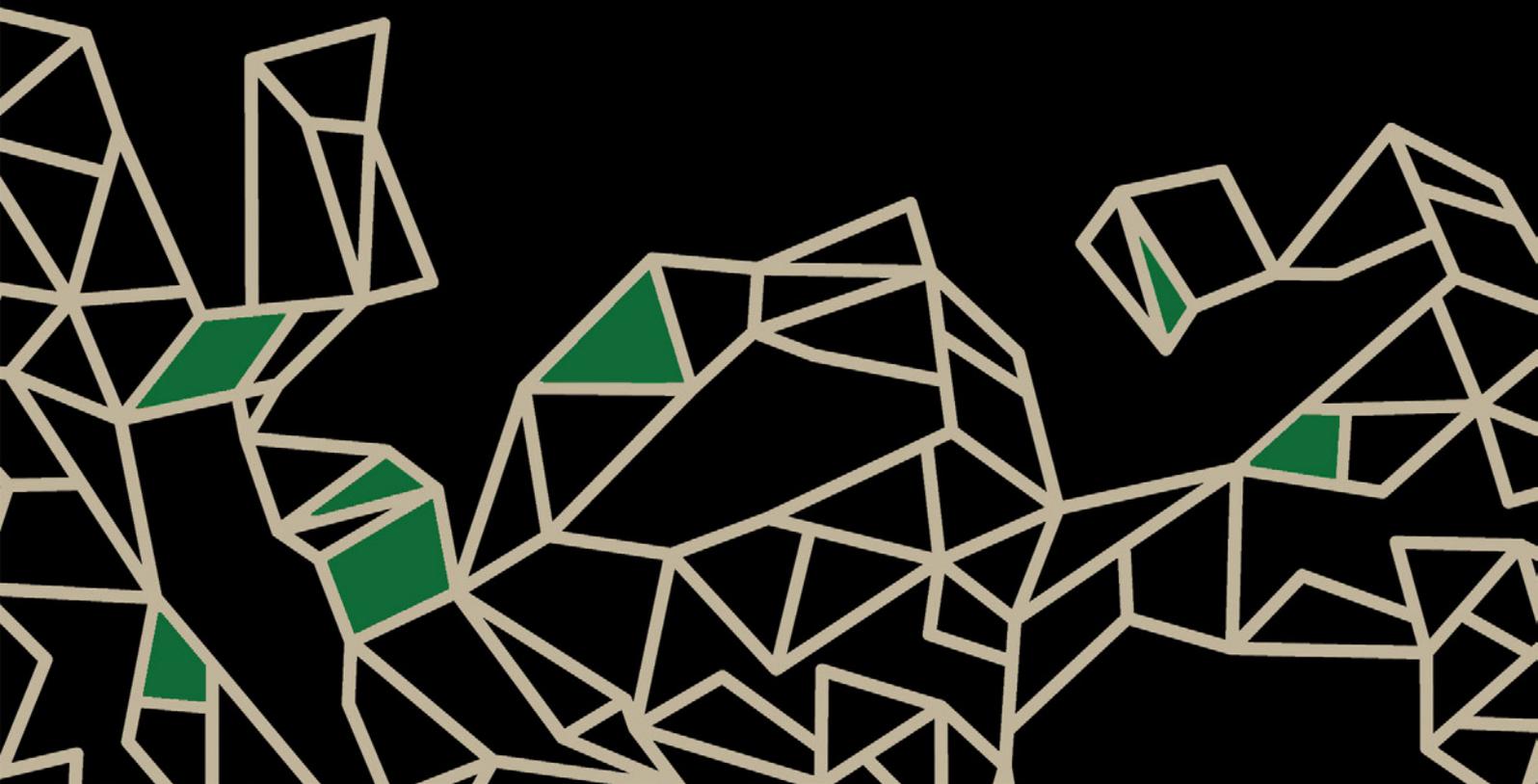
Stabat Mater: a profanação de si como poética

Stabat Mater: self-deseccration as poetics

Luiz Fernando Ramos

Luiz Fernando Ramos

Professor Titular do Departamento de Artes Cênicas da ECA



Resumo

Leitura crítica do espetáculo *Stabat Mater*, de Janaína Leite, feita para além das muitas camadas de significado que a referência medieval e cristã do título enseja e evitando a descrição objetiva das referências contemporâneas a que a encenação alude. O procedimento crítico permitiu-se registrar uma contextualização impressionista da efetividade fáctica do espetáculo frente ao que se deduziu como sua ambição estética.

Palavras-chave: Pulsão, Paresia, Representação.

Abstract

This is a critical reading of Janaína Leite's show, *Stabat Mater*, made beyond the many layers of meaning whose medieval and Christian reference allows for, avoiding an objective description of contemporary references to which the staging refers. The critical procedure recorded an impressionist contextualization of the show's phatic effectiveness given what could be deduced from its aesthetic ambition.

Keywords: Drive, Parrhesia, Representation.

A coragem de ver e de mostrar. *Stabat Mater*, texto e encenação de Janaína Leite, é um jorro, talvez um vômito, ou muito mais, labaredas de fogo amigo saindo pelas ventas bocas e orifícios de uma alma incendiada que se quer apreender, quase fáustica, examinando-se à luz do dia, como quem troca espelhos com o vizinho do lado, dentro de si mesma.

Mas tais prodígios não são o que há de mais interessante nesse acontecimento. Sim, porque este entre espetáculo, palestra e performance, ou sessão terapêutica coletiva, já não importando mesmo a classificação que se lhe aponha, não é apenas a notável investida de uma artista, atriz, dramaturga e encenadora, ou a provocativa exploração dos limites de uma enunciação presencial, ainda que inspirada em outrem ou mesmo em ninguém, mas algo que realmente importa, ou que responde com inteligência e elegância a algumas questões cruciais da cena contemporânea.

O que aqui se quer destacar na encenação, que parte, aliás, de um texto autoralíssimo, é o embate que a autora propõe, sistemática, paciente

e generosamente entre realidade e representação. De extremos simplórios, como o efeito mais potente do falso tapa na cara, a epistemológicos, como do real intangível, ou do trauma inextinguível, há um honesto e diligente empenho em expor a história de uma exploração vertical sobre o ser e o parecer da verdade.

Sim, talvez isso não seja mais o teatro em muitos sentidos, mas é subversivo principalmente porque mesmo despido de qualquer pudor pessoal ou artístico, consegue representar o irrepresentável que desafia.

Ao final, cumpre-se mesmo um percurso mágico, misterioso, de desvendamento e libertação, e isso às claras, com todas as pistas e sinais visíveis. Não é agradável, ou surpreende pelo escancarar franco e desabrido, mas é evidentemente esse exagero que, temperado por astúcia poética (a exímia *pool dance* grávida) e argúcia retórica, provém uma experiência única e inesperada ao espectador. Ainda que incomodado pelo torpor do labirinto que se lhe expõe como uma vera paresia, implicando o risco de confrontar este dizer com a reação adversa do ouvinte, não pode negar que o que lhe acontece não é mais efeito da representação de uma história, da trajetória de uma personagem, mas contato com uma vida, que ali se abre como uma cebola, em camadas aéreas na leveza de sua transparência, e que não termina nunca, necessariamente. Uma vida e obra que se abre à frente, como um experimento em curso, como na melhor tradição científica, mas, também, não menos, estética.

Apenas isso, ser exemplarmente arte contemporânea, expressão viva da crise da representação artística, já situaria *Stabat Mater* entre os acontecimentos teatrais do ano no país. Mas há muito mais ali. De fato: uma poeta se insinua atrevida e sagaz sobre fazeres e desfazeres cênicos; e uma coragem extraordinária se faz presente de corpo e alma, para além do bem e do mal.

Recebido em 28/10/2019

Aprovado em 31/10/2019

Publicado em 09/03/2020

